

# **“MAS A VOSSA PALAVRA PERMANECE ETERNAMENTE”: O CONCEITO DE ESCRITURA EM AGOSTINHO SEGUNDO AS CONFISSÕES**

*Marlon Antonio de Oliveira\**

## **RESUMO**

Este artigo sistematiza o pensamento de Agostinho sobre a Escritura Sagrada conforme apresentado em sua obra Confissões. Relaciona o caráter das Escrituras, como a Verdade de Deus, revelada e inspirada, bem como, os principais termos e adjetivos usados para definir e categoriza-las. Pontua sobre o seu estilo. Delineia também os principais efeitos da Palavra de Deus: iluminação, cura e vivificação. Apresenta o método de interpretação das Escrituras por Agostinho e o perfil moral do genuíno intérprete da Verdade. Aponta para o zelo e ardor de Agostinho pelo estudo da Palavra. Finalmente, ressalta a admiração e submissão provocadas pela Escritura, a qual, essencialmente, conduz seus seguidores à prática do bem.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Agostinho; Confissões; Escritura Sagrada; Palavra de Deus; Verdade.

## **PRELIMINARES**

Confissões é um dos clássicos magistrais escritos pelo Bispo Aurelius Augustinus (354-430 d.C.), ou Santo Agostinho, de Hipona, escrito em 397/398 d.C.

---

\* O autor é ministro presbiteriano. Graduado em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição (2002) e pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2011). Licenciado em Filosofia pelo Claretiano Rede de Educação, Centro Universitário (2015). Pós-graduando em Estudos Bíblicos (Especialização) pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Escreveu com o seguinte propósito: “Para que eu e todos os que lerem estas palavras pensemos de que abismo profundo se deve chamar por Vós (Deus). Que coisa mais próxima de vossos ouvidos do que um coração arrependido e uma vida de fé?” (1999, p. 66).

Divido em duas partes, *Confissões* traz as memórias autobiográficas de Agostinho. A primeira parte, constando de nove livros (I-IX), ele remonta desde a sua infância, adolescência, primeiros estudos, vida longe de Deus e no pecado e nas heresias (como o maniqueísmo, por exemplo), a intercessão de sua mãe Mônica pela sua vida, a formação de sua família, seu filho, finalizando com sua conversão e primeiros passos na fé e chamado ao episcopado. Finaliza essa primeira parte com o registro da morte de sua mãe. Encontramos na segunda parte, tendo quatro livros (X-XIII), grandes temas ventilados por Agostinho, como o encontro com Deus, o tempo e a criação. Finaliza tratando sobre a paz.

Agostinho faz uma releitura de toda a sua vida, desde a infância à vida madura, sua vida com sua mãe, pecados e desventuras distantes de Deus, seu retorno e conversão, chamado para pastorear e ministrar a Palavra e sua vida ministerial de estudo da Palavra e lutas contra heresias e desvios da fé.

Uma das contribuições mais significantes de Agostinho é a sua visão sobre a Escritura Sagrada. Discorrer sobre o seu conceito sobre a Escritura é o propósito deste singelo artigo. Tratar sobre estes conceitos é de extrema relevância para os dias atuais, quando a verdade escriturística é colocada em xeque.

O objetivo deste artigo é relacionar o conceito que Agostinho apresenta sobre a Escritura Sagrada em sua obra *Confissões*. A metodologia usada neste artigo é colecionar a maior parte de citações e alusões que Agostinho faz das Escrituras, sistematiza-las em um texto coerente. Este artigo não se limita apenas em focar a obra *Confissões*, antes, contemplará outras obras de Agostinho. Porém, *Confissões* é a obra central para a construção deste artigo.

Começando com termos que Agostinho usa para se referir às Escrituras, o artigo discorrerá sobre o caráter das Escrituras, enfocando-a como Verdade revelada. O artigo apontará os demais adjetivos que Agostinho usa para as Palavras

de Deus. Tratar-se-á brevemente sobre seu estilo. O Bispo de Hipona trata também sobre o conceito de inspiração e registro da revelação bíblica.

Os efeitos das Sagradas Escrituras na vida daqueles que meditam nelas serão contemplados neste artigo como iluminação, cura e vivificação. O artigo pontuará singelamente sobre como Agostinho interpretava as Escrituras, e as qualidades indispensáveis para o verdadeiro intérprete da Verdade. Demonstrará, ainda, o ardor e zelo de Agostinho pelo estudo da Palavra.

Este artigo não pretende esgotar o assunto, apenas apontar como este grande Pai da Igreja enxergava, no quarto século da era cristã, as Escrituras Sagradas.

## **1) TERMOS USADOS PARA SE REFERIR À ESCRITURA SAGRADA**

“Purificai os meus lábios e o meu coração de toda temeridade e mentira. Sejam as Sagradas Escrituras as minhas castas delícias. Que eu não seja enganado nelas, nem com elas engane os outros.” (1999, p. 311).

Santo Agostinho, em suas Confissões, traz à presença de suas orações um conceito firme de Escritura, esboçado em vários termos sinônimos. Os dois mais usando são Escritura (Cf. 1999, p. 84,195,162,351), propriamente dita, ou Sagradas Escrituras (Cf. 1999, p. 195,236-237,372), e a Verdade. (Cf. 1999, p. 310,353). Agostinho diz: “Ó Senhor, eu creio que é verdadeira a vossa Escritura, pois não fostes Vós, a autêntica e a própria Verdade, que a ditastes?” (1999, p. 410). O conceito de Verdade será explorado abaixo.

Outros termos também são usados:

- Bíblias (Cf. 1999, p. 195,351);
- Palavras (Cf. 1999, p. 252,358,371,372,388,397,403,405);
- Livros de Deus (Cf. 1999, p.355,388);

- Oráculos (Cf. 1999, p. 355);
- Códices (Cf. 1999, p. 212,389);
- Lei (Cf. 1999, p. 68);
- Escritos (Cf. 1999, p. 151);
- Doutrina (Cf. 1999, p. 150,171);
- Sabedoria e Ciência (Cf. 1999, p. 394).

Agostinho usa estes termos intercambiavelmente sem perder de vista o que para ele é essencial, o senso de sagrado e divino. As Escrituras são sagradas (Cf. 1999, p. 195) e divinas (Cf. 1999, p. 296) pois, para ele, são extensão do próprio Deus: “Elegendo e amando a vossa vontade, leem a imutável estabilidade de vossas resoluções. Os seus códices não se fecham e os seus livros se cerram porque Vós mesmo sois eternamente o seu livro (...)” (1999, p. 389).

A Escritura é o Livro de Deus (Cf. 1999, p. 84,161,151,152), a revelação que vem do próprio Deus, mediante o seu Espírito. Por isso, Agostinho aponta que a Escritura deve ser por todos:

- Conhecida (Cf. 1999, p. 152);
- Estudada (Cf. 1999, p. 84,135,160,162,195,237,329);
- Crida (Cf. 1999, p. 150,410);
- Consideradas como superiores (Cf. 1999, p. 312);
- Admirada (Cf. 1999, p. 152);
- Reverenciada (Cf. 1999, p. 312);
- Obedecida (Cf. 1999, p. 67,91,259,289,390).

## 2) O CARÁTER DA ESCRITURA SAGRADA

“Oh! Que admirável profundidade das vossas palavras! Como a sua face nos acaricia como as crianças. Oh! Que admirável profundidade, ó meu Deus, que admirável profundidade! Aterroriza-nos lançar os olhos para ela: temor de respeito e temor de amor! Odeio com veemência os seus inimigos.” (1999, p. 352).

As Confissões estão estruturadas sobre o firme conceito de Deus, sua vontade expressa no coração de Agostinho, e o desejo intenso de se afastar do pecado e se aproximar do seu Deus. Ele declara: “Entreguemo-nos unicamente à busca da verdade.” (1999, p. 162; Vid. 1999, 161).

Agostinha ressalta, com cores bem fortes, que a Escritura aponta, revela e denuncia o pecado contra Deus, cometido contra a Sua Vontade:

“Tais são os capítulos da iniquidade que brotam da paixão de dominar, de ver e de sentir, de uma ou duas paixões ou simultaneamente de todas. Vive-se pecaminosamente contra os mandamentos, contra o saltério de dez cordas, que é o vosso decálogo, ó Deus tão sublime e tão suave. Mas que ações pecaminosas Vos podem afligir, a Vós, a quem a corrupção não atinge? Ou que pecados se podem levantar contra Vós, a quem nada pode prejudicar? Punis o que os homens cometem contra si próprios, porque, ainda mesmo quando Vos ofendem, agem impiamente contra as suas almas. A própria iniquidade se engana a si mesma, corrompendo-se e pervertendo-se na sua natureza, feita e ordenada por Vós, quer servindo-se imoderadamente das coisas que lhe são lícitas, quer ardendo na concupiscência do ilícito, ‘no uso daquilo que é contra a natureza’. Agem pecaminosamente revoltando-se contra a vossa vontade, de coração ou com palavras, e recalcitrando contra o aguilhão. (...) Tudo isso sucede quando sois abandonado, ó fonte de vida, único e verdadeiro Criador e Senhor de tudo! Neste caso, por orgulho individual, ama-se a parte falsamente tomada como um todo.” (1999, p. 91-92; Vid. 1999, p. 54,90).

Por isso, deixar o pecado e se voltar à Verdade, expressa na voz de Deus. Ele declara: “A vossa voz (de Deus) é mais deleitosa do que toda a afluência de prazeres.” (1999, p. 312). Ainda confirma todo seu amor e desejo de “considerar as maravilhas” da lei de Deus. (1999, p. 312).

Para Agostinho, de Deus provém todo o bem: “de Vós, Senhor, me ocorrem todos os bens e toda a salvação.” (1999, p. 42).

### **2.1. A Escritura e a Verdade**

Para Agostinho, as Escrituras são a Verdade de Deus (Cf. 1999, p. 69,108,161,310,313,343,353,355,356; Leis e Profetas como palavras verdadeiras p. 358,372,373; o Evangelho é a Verdade p. 396,400). Ele, poeticamente, escreve: “Ó Senhor, eu creio que é verdadeira a vossa Escritura, pois não fostes Vós, a autêntica e a própria Verdade, que a ditastes?” (1999, p. 410).

Ao tratar das obras da Criação, Agostinho diz que, em Moisés, temos a verdade de Deus. (Cf. 1999, p. 364). Esta verdade é:

- Sólida (Cf. 1999, p. 114);
- Doce (Cf. 1999, p. 116);
- Constante e indefectível (Cf. 1999, p. 151); e,
- Onipotente (Cf. 1999, p. 396).

Agostinho insiste em defender a veracidade das Sagradas Escrituras (Cf. 1999, p. 108,152,410) porque, segundo ele, Deus é a própria Verdade (Cf. 1999, p. 110,115,116; “verdade suprema” p. 118, “Deus da Verdade” p. 127,140,186,284,303,305,314,317,331; Deus como “a fonte da Verdade” p. 372). Deus é o “mestre da Verdade”. (Cf. 1999, p. 129,140). Jesus Cristo é a Verdade. (Cf. 1999, p. 178,193,251). Agostinho declara ao Senhor: “‘N’Ele se encontram todos os tesouros de Sabedoria e Ciência’, aos quais procuro nos vossos livros”. (1999, p. 313).

Segundo Agostinho, Deus é a Verdade. Ele fala mediante a sua Palavra. (Cf. 1999, p. 380). Pois, a Escritura é a voz de Deus. (Cf. 1999, p. 227, “voz deleitosa” 312,316,317,348,365,380). Agostinho, na sua obra A Cidade de Deus, diz: “O Espírito de Deus (fala, mas) por intermédio dos homens”. (1991-2000, 18.43, p. 1823). Deus fala pela sua Palavra, mas também, fala pela sua Criação. (Cf. 1999, p. 314,318,414).

Assim, Deus, o “Mestre da Verdade” (1999, p. 129), ensina através da sua Palavra, a Escritura. (Cf. 1999, p. 140,317,348,391). Ele é o “Bom Mestre”. (1999, p. 393,394).

A Bíblia, para Agostinho, é o Verbo de Deus. (Cf. 1999, p. 192). Ele, comentando o SI 103, assevera: “Lembra-se do que vou dizer. Uma só é a palavra de Deus que se estende por todas as Escrituras; e através da boca de muitos santos ressoa um só Verbo, que sendo no princípio Deus junto de Deus, lá não consta sílabas, porque está fora do tempo.” (1997-1998, SI 103, IV, 1, v.3, p. 151-152). Para Agostinho, este é o mesmo Verbo que foi proferido como Palavra Criadora na Criação do Mundo. (Cf. 1999, p. 314,315,316; “voz do Esposo” Cf. 1999, p. 317,318; “boca de Deus” Cf. 1999, p. 395).

Jesus Cristo é o Verbo de Deus. Sobre Jesus, o “caminho” (Cf. 1999, p. 194), Agostinho escreve:

“o Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo Homem-Deus bendito por todos os séculos, que está acima de todas as coisas’. Ele chamava-me e dizia: ‘Sou o caminho, a Verdade e a Vida’. Eu também devia crer que o Alimento que era incapaz de tomar se uniu à carne, pois ‘o Verbo se fez homem’, para que a vossa Sabedoria, pela qual criastes tudo, se tornasse o leite de nossa infância.” (1999, p. 192).

Agostinho, sobre o Verbo, diz:

“Assim nos chamas, pois, a compreender o Verbo, Deus junto de ti que és Deus, o qual sempiternamente é dito e no qual sempiternamente são ditas todas as coisas. Com efeito, não se acaba o que estava a ser dito, e diz-se outra coisa, para que todas as coisas possam ser ditas, mas todas simultânea e sempiternamente: se assim não fosse, já existiria tempo e mudança e não verdadeira eternidade nem verdadeira imortalidade.” (2001, p. 108).

E ainda:

“Isso mesmo é o teu Verbo, que também é o princípio, porque também nos fala. Assim falou no Evangelho, por meio da carne, e isso ressoou exteriormente aos ouvidos dos homens para que fosse acreditado, e procurado interiormente, e encontrado na eterna verdade, onde o bom e único Mestre ensina todos os seus discípulos. Aí ouço a tua voz, Senhor, a voz de quem me diz que nos fala aquele que nos ensina, enquanto quem não nos ensina, ainda que nos fale, não nos fala. De resto, quem nos ensina senão a verdade inalterável? Porque, quando somos orientados, mesmo por uma criatura mutável, somos levados à verdade inalterável, onde verdadeiramente aprendemos, quando firmemente estamos e o ouvimos e enchemo-nos de alegria por causa da voz do esposo, devolvendo-nos a nós mesmos ao lugar donde somos. Ele é, pois, o princípio, visto que, se não permanecesse estável, não teríamos para onde voltar, quando andássemos errantes. Quando, porém, voltamos do erro, voltamos, por certo, porque conhecemos; e para conhecermos, ele ensina-nos, porque é o princípio e nos fala.” (2001, p. 109).

## **2.2. A Escritura como a Verdade Revelada**

A Verdade, segundo Agostinho, é revelada na Escritura. (Cf. 1999, p. 88,372). Ele afirma que Jesus Cristo foi revelado no Antigo Testamento. (Cf. 1999, p. 306). Nesta revelação está impressa a vontade de Deus, contida na Lei de Deus em Moisés. (Cf. 1999, p. 69).

A vontade de Deus, pronunciada nas Escrituras, deve ser amada. (Cf. 1999, p. 71). Agostinho, interessantemente, aponta que a vontade de Deus não é expressa separadamente do seu poder, isto é, vontade e poder, para o Senhor, são iguais. (Cf. 1999, p. 176,177).

Segundo Agostinho, não há vida fora e longe da Verdade da Escritura (Cf. 1999, p. 398), pois ela é central e fundamental para a vida cristã. Interessante que quando trata da Verdade, Agostinho amarra esta verdade não só à Escritura, mas também, à fé católica (“verdadeira fé”) e à própria Igreja Católica. (Cf. 1999, p. 151,161,171,194,212).

Ainda sobre o conceito de Verdade, Agostinho diz temos na Bíblia a “linguagem da Verdade” (1999, p. 356; Vid. 1999, p. 150), e encontramos nela, o Deus que ama a Verdade. (Cf. 1999, p. 259).

## **2.3. A Escritura como a Verdade Inspirada**

As Escrituras são a Verdade porque foi inspirada por Deus (Cf. 1999, p. 410), e “entregues ao gênero humano pelo Espírito”. (1999, p. 151; Vid. 1999, p.



372). Agostinho, comentando Salmo 8:8, diz: “Estes livros são obra de Deus. Foram compostos por inspiração do Espírito Santo aos santos”. (1997-1998, SI 8:8, v.1, p. 96).

O Bispo de Hipona nos apresenta um conceito bem definido sobre a inspiração da Escritura. Para ele, o Livro Santo foi entregue aos autores sagrados, por exemplo, Moisés, Profetas, Evangelistas, Paulo, por ditado pelo Espírito Santo, Espírito de Deus. (Cf. 1999, p. 151,195,352,356,364,372,410). Ele diz:

“Ó Senhor, eu creio que é verdadeira a vossa Escritura, pois não fostes Vós, a autêntica e própria Verdade, que a ditastes? (...) Porque sois o meu Deus o dizeis, com voz forte ao ouvido interior do vosso servo, rompendo a minha surdez e exclamando: ‘Homem, o que a minha Escritura diz, Eu o digo.’” (1999, p. 410).

Assim, o Espírito ditou as palavras santas à Moisés, por exemplo, o qual, as escreveu fielmente. (Cf. 1999, p. 364,372). Ainda comentando o Salmo 8:7, Agostinho diz:

“Lemos que pelo dedo de Deus foi gravada a Lei e dada por meio de Moisés, seu santo servo (Êx 31:18; Dt 9:10); muitos entendem por dedo de Deus o Espírito Santo. Por isso, se julgarmos com acerto serem os dedos de Deus os seus ministros, cheios do Espírito Santo, por causa do mesmo Espírito que neles opera, uma vez que compuseram para nós toda a divina Escritura, interpretaremos aqui de modo adequado como céus os livros de ambos os Testamentos. (...) Verei e entenderei as Escrituras, que escrevestes por obra do Espírito Santo, através dos seus ministros”. (1997-1998, SI 8:7, v.1, p. 95).

O papel do Espírito Santo na inspiração da Escritura é central. Para Agostinho, a Escritura Sagrada “é a palavra do Espírito de Deus, porque, se, que ele inspire, nós não a diríamos.” (1997-1998, SI 26, II, 1, v.1, p. 248). Ele defende que a Palavra revelada e inspirada foi acomodada à inteligência humana. (Cf. 1999, p. 372).

Daí se apreende o conceito firme que Agostinho tem da canonicidade das Escrituras Sagradas, tão bem defendido por ele em outras obras suas como *A Cidade de Deus* e *A Doutrina Cristã*. Segundo ele, os livros aceitos pela Igreja Católica são canônicos, e somente eles. (Cf. 2002, v.17, 2.8.12, p. 95-96; 2002, v.17, 2.8.13, p. 96-97; 1991-2000, 15.23, p. 1406; 1991-2000, 18-36, p. 1803).

Um das implicações mais importantes da doutrina da inspiração conforme delineada por Agostinho, é o conceito de veracidade e inerrância das Escrituras. Para ele, “as Sagradas Escrituras, (são) absolutamente verdadeiras.” (1991-2000, 11.6, p. 1001). Agostinho defendeu a autoridade canônica da Escritura. Na *Cidade de Deus*, ele escreve: Deus “instituiu também a Escritura chamada canônica e investida da mais alta autoridade, nela acreditamos a respeito de tudo que convém não ignorar e que somos incapazes de conhecer por nós próprios.” (1991-2000, 11.3, p. 991).

#### **2.4. A Escritura e seus Adjetivos**

A centralidade da Escritura, o leva a usar em suas Confissões inúmeros adjetivos para descrever o caráter da mesma:

- A Escritura tem toda autoridade (Cf. 1999, p. 151,152,356,362,388,414), porque é a Palavra de Deus (Cf. 1999, p. 403,405), dada por Deus, ditada por Ele. (Cf. 1999, p. 410). Na *Cidade de Deus*, Agostinho demonstra: “As Escrituras Sagradas (...) com toda a razão, gozam de admirável autoridade no mundo inteiro: foram essas Escrituras que, sob a ação divina, entre outras coisas que já se verificaram, predisseram que nelas viriam a acreditar todos os povos.” (1991-2000, 12.9, p. 1101). Nas Confissões, ele afirma: “A vossa divina Escritura goza da mais sublime autoridade.” (1999, p. 388). Por isso, o Livro Santo deve ser recebido, desta maneira, como autoritativo, como norma, como regra de fé. (Cf. 1999, p. 224). A Lei de Deus revelada, como a Lei gravada no coração humano, é a norma moral para todos: “O furto é punido pela vossa lei, ó Senhor, lei que, indelevelmente gravada nos corações dos homens, nem sequer a mesma iniquidade poderá apagar.” (1999, p. 68; Vid. 1995, I.6.15, p. 41; 1995, I.15.32, p. 65);

- A Escritura agrega toda excelência (Cf. 1999, p. 195) como o Oráculo de Deus, devendo ser preferida sobre qualquer outro clássico, inclusive sobre os livros platônicos. (Cf. 1999, p. 196,197);

- As Escrituras, conforme pensa Agostinho, são tão puras (Cf. 1999, p. 388), retíssimas (Cf. 1999, p. 89), que, mesmo que aparente, não há contradições. (Cf. 1999, p. 150,195). Agostinho assevera a perfeição da Palavra de Deus, porque o Senhor é perfeito;

- As Escrituras são confiáveis, dignas de absoluta confiança. (Cf. 1999, p. 366). É pecado contra Deus, segundo Agostinho, ir contra as Escrituras. (Cf. 1999, p. 91);

- As Escrituras, conforme aponta Agostinho, são eternas (Cf. 1999, p. 316,396): “Mas a vossa palavra permanece eternamente.” (1999, p. 389. Vid. 1999, p. 388).

### **2.5. A Escritura e seu Estilo**

Agostinho conceitua o estilo da Escritura de um modo peculiar (Cf. 1999, p. 152,195), que ele chama de “venerável”. (Cf. 1999, p. 84). Os Livros Santos possuem uma beleza tal, mas, igualmente, uma simplicidade que salta aos olhos (Cf. 1999, p. 84), e uma serenidade (Cf. 1999, p. 195), aliada à sua clareza. (Cf. 1999, p. 388).

Agostinho usa o termo “palavras claríssimas” para designar a beleza do estilo da Escritura. (1999, p. 152). Apesar das “obscuridades” existirem, passagens difíceis, questões profundas, o sentido da Palavra é claro. (Cf. 1999, p. 401).

## **3) OS EFEITOS DA ESCRITURA SAGRADA**

“Aquele que se alimenta interiormente com a palavra de Deus não procura no deserto desta vida o prazer.” (2002, v. 19, 38.71, p. 97).

Agostinho, com sua sensibilidade pastoral, aponta que as Escrituras sobre tudo, trazem inúmeros benefícios àqueles que as buscam de coração. (Cf. 1999, p. 161,162,259,390). Para ele: “A vida feliz é a alegria que provém da verdade. (...) Será feliz quando, liberta de todas as moléstias, se alegrar somente na Verdade, origem de tudo o que é verdadeiro.” (1999, p. 282,283).

Deus concede iluminação, ministra cura à alma e agracia com vida. Todos que buscam as Palavras Santas tem a alma alimentada por elas (Cf. 1999, p. 363), recebendo de Deus sua misericórdia (Cf. 1999, p. 252) e o perdão dos pecados. (Cf. 1997-1998, 102.3, v.3, p. 48-49).

Faz-se necessário observar os três resultados principais apontados por Agostinho nas Confissões:

### **3.1. A Escritura Ilumina**

O pecado traz as trevas e a obscuridade ao coração humano. Deus é a Luz (Cf. 1999, p. 403), que a todos ilumina mediante a sua Palavra. (Cf. 1999, p. 295; “luz cintilante da Verdade” 1999, p. 392). Ele aponta para esta iluminação que provém do Livro Santo, ao citar a Carta de Paulo aos Romanos 13:13, passagem objeto de sua conversão: “Não quis ler mais, nem era necessário. Apenas acabei de ler estas frases (Rm 13:13), penetrou-me no coração uma espécie de luz serena, e todas as trevas da dúvida fugiram.” (1999, p. 223).

Todos aqueles que praticam a Verdade, afirma Agostinho, alcançam a Luz: “Vós amastes a verdade, pelo que quem a pratica alcança a luz.” (1999, p. 259. Vid. Cf. 1999, p. 390,391). Segundo ele, Deus fala à alma. (Cf. 1999, p. 227). A Voz interior de Deus no coração pode ser ouvida. (Cf. 1999, p. 265).

### **3.2. A Escritura Cura**

Agostinho traz às suas Confissões outro conceito interessante dos resultados obtidos pela meditação e prática das Escrituras, a cura. A alma é curada mediante os Oráculos Santos: “Ouvi-me em nome d’Aquele que é a Medicina das nossas chagas, que foi suspenso do madeiro da cruz e, sentado, ‘à vossa direita, intercede por nós’.” (1999, p. 252. Vid. 1999, p. 150,194,195,284). Comentando o Salmo 102, ele diz:

“Não temas. Todas as tuas enfermidades serão curadas. Respondeste: São grandes; mas o médico é maior. O médico onipotente não depara com doença alguma incurável. Apenas aceita o tratamento, não repilas a sua mão; ele sabe o que deve fazer. (...) Deus fez teu corpo, Deus criou a tua alma; ele sabe como refazer o corpo que formou, reformar o que ele mesmo plasmou. Apenas deve submeter-se às mãos do médico; ele odeia aquele que repele

suas mãos. (...) Deus que te fez, cura-te com toda certeza e gratuitamente.” (1997-1998, 102.5, v.3, p. 51-52).

Essa cura da alma é vista por Agostinho como a própria conversão: “Se acreditasse, poderia ter obtido a cura.” (1999, p. 150).

### **3.3. A Escritura Vivifica**

Agostinho aponta que a vida é concedida por Deus mediante sua Escritura: “A vossa palavra, porém, meu Deus, é ‘fonte de Vida eterna’.” (1999, p. 398. Vid. 1999, p. 316,398,397). A Palavra de Deus conduz a alma de volta ao seu Deus. (Cf. 1999, p. 312). Este caminho de volta é encontrado apenas em Cristo. Agostinho chama o Jesus de “o caminho”, o “Verbo” de Deus. (1999, p. 126).

\*\*\*

Finalmente, as Escrituras trazem a bênção de Deus (Cf. 1999, p. 414) e felicidade àqueles que as amam. (Cf. 1999, p. 108). Neste sentido, Agostinho escreve: “Então, como Vos hei de procurar, Senhor? Quando vos procuro, meu Deus, busco a vida feliz. Procurar-vos-ei, para que a minha alma viva. O meu corpo vive da minha alma e esta vive de Vós.” (1999, p. 279). Na Cidade de Deus, ele aponta: “Possui-lo é a sua felicidade; perde-lo é a sua desgraça. Mas o que tira a sua felicidade do bem que Ele é e não de outro não pode ser infeliz porque não pode perder-se.” (1991-2000, 12.1, p. 1080). Na sua obra O Livre Arbítrio, Agostinho diz: “Ninguém é feliz sem a posse do sumo Bem, cuja contemplação e posse encontram-se nessa verdade que denominamos sabedoria.” (1995, II.9.26, p. 107). Voltando às Confissões, ele diz:

“Longe de mim, Senhor, longe do coração deste vosso servo, que se confessa a Vós, o julgar-se feliz, seja com que alegria for. Há uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas só àqueles que desinteressadamente Vos servem: essa alegria sois Vós. A vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra. Os que julgam que existe outra apegam-se a uma alegria que não é a verdadeira.” (1999, 281-282).

A paz, segundo ele, é concedida por meio da vontade de Deus estabelecida na vida e no coração daqueles que se rendem ao Senhor. Assim ele escreve: “Na vossa ‘boa vontade’ (de Deus) temos a paz”. (1999, p. 382).

#### **4) A INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS**

“Um homem fala com tanto maior sabedoria, quanto maior ou menor progresso faz na ciência das santas Escrituras. E eu não me refiro ao progresso que consiste em ler bastante as Escrituras, ou aprendê-las de cor, mas do progresso que consiste em compreendê-las bem e procurar diligentemente o seu sentido.” (2002, v.17, 4.5.7, p. 213).

Agostinho defende que o sentido verdadeiro do texto sagrado é aquele intentado pelo autor bíblico. (Cf. 1999, p. 358,367). Na Cidade de Deus, ele ensina: “Quando lemos os autores cuja autoridade não nos é permitido afastar, tomemos as suas palavras no sentido próprio sempre que uma correta interpretação não nos mostrar outra saída.” (1991-2000, 14.8, p. 1256-1257).

Ele ainda assevera que, se não for possível conhecer a intenção de um certo autor bíblico, deve-se preferir a interpretação comum a outras passagens paralelas: “Se não penetramos na intenção do autor desse livro, pelo menos não nos afastamos da regra de fé que é tão bom conhecida dos fieis de outras passagens das Sagradas Escrituras com a mesma autoridade.” (1991-2000, 11.33, p. 1073). Na sua obra A Doutrina Cristã, Agostinho explica que “nas passagens mais claras se há de aprender o modo de entender as obscuras.” (2002, v.17, 3.26.37b, p. 183; Vid. 2002, v.17, 3.27.38, p. 184; 1999, p. 401).

Outra regra indispensável é observar o contexto anterior da passagem. (Cf. 2002, v.17, 3.2.2, p. 152).

Para Agostinho, há uma harmonia entre os dois testamentos: “É por isso que no Antigo Testamento esconde-se o Novo, e no Novo encontra-se a manifestação do Antigo.” (1978, 4.8, p. 43; Vid. 1991-2000, 20.4, p. 1983).

Segundo ele, o método alegórico é um dos meios aceitáveis para a interpretação da verdade escriturística. Inclusive, ele interpreta os primeiros versos de Gênesis alegoricamente. (Cf. 1999, Livro XIII). Ele diz:

“Nós todos os que o lemos esforçamo-nos por indagar e compreender o pensamento do autor. Quando o temos por verídico, não ousamos imputar-lhe, como dito por ele, nada do que sabemos ou julgamos ser falso. Contanto que cada um se esforce por interpretar bem as passagens da Sagrada Escritura conforme a ideia daquele que as escreveu, que mal há em interpreta-las em outro sentido, se Vós, ó Luz de todas as mentes sinceras, lho mostrais como verdadeiro? Que mal há nisso, se o autor que lemos só teve em vista a verdade, apesar de não ter dado ao texto este segundo sentido?” (1999, p. 358; Vid. 1999, p. 403).

Agostinho aponta a humildade (tendo a Jesus e o próprio Deus como modelos), piedade, preparo das línguas e submissão a Deus como valores necessários para o genuíno intérprete das Escrituras:

“O homem temente a Deus procura diligentemente a vontade divina nas santas Escrituras. Pacificado pela piedade, que não ame as controvérsias. Munido do conhecimento das línguas, que não se veja embaraçado por palavras e expressões desconhecidas. Provido de certos conhecimentos necessários, que saiba identificar a natureza e propriedade das coisas quando empregadas a título de comparação. Finalmente, apoiado na exatidão do texto obtido por trabalho consciencioso de correção, que ele, assim preparado, possa dissipar e resolver as ambiguidades das Escrituras.” (2002, v.17, 3.1.1, p. 151).

Ele continua: “O pregador é o que interpreta e ensina as divinas Escrituras. (...) Nesta tarefa, o mestre deve tratar de conquistar o hostil, motivar o indiferente e informar o ignorante sobre o que deve ser feito ou esperado.” (2002, v. 17, 4.4.6, p. 211). Na tarefa de proclamar as verdades de Deus, o pregador deve ser fiel aos Oráculos de Deus: “É, pois, de toda necessidade para o orador – que tem o dever de falar com sabedoria, ainda que não consiga fazê-lo com eloquência – ser fiel às palavras das Escrituras.” (2002, v. 17, 4.5.8, p. 213).

Agostinho está convencido que a verdadeira interpretação da Escritura leva, necessariamente, à prática do amor e da piedade: “Se alguém julga ter entendido as Escrituras divinas ou parte delas, mas se com esse entendimento não edifica a dupla caridade – a de Deus e a do próximo –, é preciso reconhecer que nada entendeu.” (2002, v. 17, 1.36.40, p. 77).

O pregador deve buscar, segundo Agostinho, o devido preparo, mas sem se negligenciar a absoluta dependência do Espírito Santo. (Cf. 2002, v. 17, 4.16.32, p. 239). Ele aponta para o zelo pela vida pessoal do pregador: “A vida do orador será – para se fazer ser escutado com maior docilidade – de peso bem maior do que a mais sublime elevação de sua linguagem.” (2002, v. 17, 4.28.59, p. 271).

## **5) O ESTUDO DE AGOSTINHO DAS ESCRITURAS**

“Ó Senhor, aperfeiçoa-me e revela-me esses bosques. A tua voz é a minha alegria, a tua voz suplanta a afluência de prazeres. Dá-me o que amo: pois eu amo, e isso foste tu que mo deste. Não abandones os teus dons, nem desprezes esta tua erva sequiosa. Que eu te confesse tudo o que encontrar nos teus Livros, e ouça a voz do teu louvor, e possa inebriar-me de ti e sondar as maravilhas da tua Lei, desde o princípio, em que fizeste o céu e a terra, até ao reino, contigo perpétuo, da tua Cidade Santa.” (2001, p. 103).

“Purificai os meus lábios e o meu coração de toda temeridade e mentira. Sejam as Sagradas Escrituras as minhas castas delícias. Que em não seja enganado nelas, nem com elas engane aos outros.” (1999, p. 311).

Agostinho foi um grande estudioso (Cf. 1999, p. 160,162,195,329) das Escrituras e defensor delas. (Cf. 1999, p. 138,236). Mesmo antes da sua conversão, se dedicou ao estudo delas:

“Determinei, por isso, ao estudo da Sagrada Escritura, para a conhecer. Vi então uma coisa encoberta para os soberbos, obscura para as crianças, mas humilde ao começo, sublime à medida que se avança e velada com mistérios. Não estaca ainda disposto a poder entrar nela ou inclinar a cerviz à sua passagem.” (1999, p. 84).



A dedicação à leitura e meditação sempre foi presente. (Cf. 1999, p. 135,195,236,237,307). Preferia os Escritos de Paulo. (Cf. 1999, p. 84,195,196,197,212,311).

Agostinho guardou em seu coração os ensinamentos bíblicos pela sua mãe – Mônica, sua grande intercessora –, e mesmo depois de um longo período longe de Deus, ele retorna ao Senhor, chamado pelo próprio Deus, para se dedicar ao estudo e pregação das Palavras e das Doutrinas. (Cf. 1999, p. 311,405).

Ele afirma que a firmeza na fé é demonstrada pela oposição às heresias: “Foi necessário haver hereges para que os fortes se manifestassem entre os fracos.” (1999, p. 194; Sobre a luta contra heresias, Vid. 2002, v.19, 5.8, p. 34; 5.9, p. 34-35; 8.15, p. 41).

O apelo de Agostinho, em sua obra *A Verdadeira Religião*, deve ser ouvido por todos, ainda hoje: “Dediquemo-nos a alimenta-nos e a beber no estudo e na aplicação às divinas Escrituras!” (2002, v.19, 51.100, p. 125).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

“Que eu te conheça, ó conhecedor de mim, que eu te conheça, tal como sou conhecido por ti. Ó virtude da minha alma, entra nela e molda-a a ti, para que a tenhas e possuas sem mancha nem ruga. Esta é a minha esperança; por isso falo e nesta esperança me alegro, quando experimento uma sã alegria. Pois as restantes coisas desta vida tanto menos se devem chorar quanto mais por causa delas se chora, e tanto mais se devem ser chorar quanto menos por causa delas se chora. Mas tu amaste a verdade, porque aquele que a põe em prática alcança a luz. Também a quero pôr em prática no meu coração: diante de ti, na minha confissão, diante de muitas testemunhas, nos meus escritos.” (2001, p. 47).

“De fato, não conhecemos outros livros que assim destruam a soberba e assim arruinem o inimigo defensor que resiste a toda reconciliação convosco e advoga seus pecados. Não conheci, ó Senhor, não conheci palavras tão puras, que tanto me persuadissem a confessar-Vos, que tanto suavizassem a sujeição da minha mente ao vosso jugo e me convidassem a servir-Vos tão desinteressadamente! Possa eu compreender essas verdades, ó Pai querido. Concedei-me este favor à minha sujeição, já que para os submissos as firmastes.” (1999, p. 388-389).

Agostinho admirava as Escrituras e propõem tal admiração a todos que se aproximam delas. (Cf. 1999, p. 152). As Palavras doces de Deus (Cf. 1999, p. 54) elevam o coração (Cf. 1999, p. 57,343), e inspiram ao “temor de amor e temor de respeito”. (1999, p. 352).

A Palavra de Deus é o conhecimento do próprio Deus (Cf. 1999, p. 400), transmitem a Vontade dele (Cf. 1999, p. 410) e comunicam Sabedoria. (Cf. 1999, p. 126,161). O Conhecimento de Deus, através das Escrituras, aponta para o preceito maior, o amor. (Cf. 1999, p. 358,365,366).

Essa é proposta de Agostinho a todos que buscam a Palavra de Deus, buscar o amor e vive-lo: “Bem-aventurado o que te ama, Senhor, e ama ao amigo em ti, e ao inimigo por amor a ti; só não perde o amigo quem tem a todos por amigos naquele que nunca se perde.” (2007, p. 31). Agostinho propõe praticar o Bem sobre todas as coisas:

“Agora somos inclinados a praticar o bem, depois que nosso coração concebeu essa ideia em teu Espírito. Outrora estávamos inclinados ao mal, desertando de ti. Tu, porém, ó Deus, único bem, nunca cessaste de nos fazer o bem. Por tua graça, algumas de nossas obras são boas, mas não são eternas. Esperamos, depois de realizá-las, repousar em tua grande santificação. Mas tu, que não precisas de nenhum outro bem, estás sempre em repouso, porque és teu próprio repouso. Uma das maiores contribuições de Agostinho é a sua afirmação e defesa da natureza da Escritura como a Verdade de Deus para os pecadores, principalmente numa época onde não há mais parâmetros de verdade.” (2007, p. 31).

Ao comentar a Primeira Carta de S. João, o grande Bispo de Hipona conclama a todos a permanecer em Deus, em obediência aos Livros Santos do Senhor: “Que Deus seja tua morada, e tu sê a morada de Deus! Permanece em Deus, para que Deus permaneça em ti. Deus permanece em ti para te sustentar. Tu permaneces em Deus para não caíres.” (1989, 9.1, p. 179). “Entoe vossos louvores aquele que compreende, e quem não compreende enalteça-Vos também. Oh! Quão sublime sois! Contudo, a vossa morada são os humildes de coração! Levantais os

que caíram, e não caem de quem Vós sois a altura!”, arremata o Santo Agostinho, em suas Confissões. (1999, p. 340).

Que todos que se aproximam das Escrituras Sagradas se admirem pela grandeza da Verdade de Deus, tenham o coração tomado por humildade, submissão e amor a Ele, e sejam impulsionados a viver segundo esta Palavra, a única que “permanece eternamente.” (1999, p. 389).

## BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2ª ed., 3 v. 1991-2000.

\_\_\_\_\_. *A Doutrina Cristã*. Col. Patrística. v.17. São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_. *A Verdadeira Religião*. Col. Patrística. v. 19. São Paulo: Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_. *Comentário aos Salmos*. Col. Patrística. v. 9/1 (SI 1-50), 9/2 (SI 51-100), 9/3 (SI 101-150). São Paulo: Paulus, 1997-1998.

\_\_\_\_\_. *Comentário da Primeira Epístola de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989.

\_\_\_\_\_. *Confissões*. Col. Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1999.

\_\_\_\_\_. *Confissões*. Trad. Arnaldo do Espírito Santo; João Beato; Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel. Livros VII, X, XI, Lusofia: 2001. Disponível em:<[http://www.lusosofia.net/textos/agostinho\\_de\\_hipona\\_confissoes\\_livros\\_vii\\_x\\_xi.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/agostinho_de_hipona_confissoes_livros_vii_x_xi.pdf)>. Acesso em: 02 de jun. 2017.

\_\_\_\_\_. *Confissões*. Trad. Lucia Maria Csernik. Sumateologica: 2007. Disponível em:<<http://>

sumateologica.files.wordpress.com/2009/07/santo\_agostinho\_-\_confissoes.pdf>. Acesso em: 02 de jun. 2017.

\_\_\_\_\_. *Instrução aos Catecúmenos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2<sup>a</sup> ed., 1978.

\_\_\_\_\_. *O Livre Arbítrio*. Col. Patrística. v. 8, São Paulo: Paulus, 1995.